

IMERGINDO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA FILOSÓFICA

IMMERSING IN THE PERSPECTIVE OF PHILOSOPHICAL HISTORY

SUMERGIENDO EN LA PERSPECTIVA DE LA HISTORIA FILOSÓFICA

Marli Turetti Rabelo Andrade¹
José Carlos Moraes²

Resumo

Esta jornada de estudo se inicia na Grécia antiga por meio de seus antigos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, que observando os fatos, apresentavam suas apreciações. O objetivo é demonstrar esse conhecimento nos períodos de sua construção, evolução e estruturação, mostrando como impactaram o meio em que se constituíram e deixaram sua marca e influência até o presente momento. Santo Agostinho se apresenta e deixa sua marca na escola patrística; na Idade Média prospera o conhecimento de Tomás de Aquino com a escolástica; chegando até os grandes pensadores e seus personagens ilustres, que revolucionaram o campo do saber com suas proposições, tais como: Descartes, Kant, Comte, Bacon e Locke. Conhecimentos produzidos e publicados principalmente no formato científico, narrativo, teológico e filosófico, sendo que sua evolução e criação no meio acadêmico solidifica-se mediante a produção científica nas mais variadas esferas do conhecimento.

Palavras-chave: construção; conhecimento; modalidades; ciência; evolução.

Abstract

This journey of study begins in ancient Greece with its ancient philosophers Socrates, Plato and Aristotle, observing the facts and presenting their assessments. The objective is to demonstrate the knowledge during its construction, evolution, and structuring, showing how it impacted the environment in which it was created and left its mark and influence until the present moment. Saint Augustine presents himself and leaves his mark on the patristic school; in the Middle Ages, Thomas Aquinas's knowledge of scholasticism flourished; we get to the great thinkers and their illustrious characters, who revolutionized the field of knowledge with their propositions, such as: Descartes, Kant, Comte, Bacon, and Locke. Knowledge is produced and published mainly in scientific, narrative, theological and philosophical formats, and its evolution and creation in the academic environment are solidified through scientific production in a wide array of fields of knowledge.

Keywords: construction; knowledge; modalities; science; evolution.

Resumen

Esta jornada de estudio se inicia en la Grecia Antigua por medio de sus antiguos filósofos Sócrates, Platón y Aristóteles, que observando los hechos presentaban sus apreciaciones. El objetivo es demostrar ese conocimiento en los periodos de su construcción, evolución y estructuración, mostrando cómo impactaron el medio en el que se constituyeron y dejaron su marca e influencia hasta el presente momento. San Agustín se presenta y deja su marca en la escuela patrística; en el Medievo prospera el conocimiento de Tomás de Aquino con la escolástica; llegando hasta los grandes pensadores y sus personajes ilustres, que revolucionaron el campo del saber con sus proposiciones, tales como: Descartes, Kant, Comte, Bacon y Locke. Conocimientos producidos y publicados principalmente en el formato científico, narrativo, teológico y filosófico, siendo que su evolución y creación en el medio académico se solidifica mediante la producción científica en las más variadas esferas del conocimiento.

Palabras clave: construcción; conocimiento; modalidades; ciencia; evolución.

¹ Doutora em Educação. Professora no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: marli.an@uninter.com

² Mestre em Teologia. Professor no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: moraes.tesoureiro4398@hotmail.com

1 Introdução

O conhecimento se multiplica de forma veloz no presente momento. A produção científica e as publicações do conhecimento científico são uma constante na academia. Esse conhecimento foi se estruturando ao longo de séculos, passando pelas mais variadas vertentes do pensamento, impactando o pensamento dominante em vários períodos da história e difundindo o conhecimento transformador e libertador na sociedade e nas mais variadas áreas do saber.

É necessária uma breve passagem pelo conhecimento apresentado pelos filósofos da Grécia antiga, que, com sua investigação, criaram conceitos existenciais que atribuíam vida aos muitos elementos constituídos, tais como o fogo e água. Os antigos filósofos deixaram um legado com a sua forma de pensar e contribuíram com os conceitos de ética e política que marcaram a vida pública dos cidadãos da época, com influência até os dias de hoje. Para existir conhecimento, é necessário provocar o pensamento para formular conceitos. Além do mais, Sócrates alegava que a razão é o ponto de fixação para a descoberta da verdade.

Existem temas que merecem destaque e, sem dúvida, a influência do Cristianismo e de seus seguidores é notável: ao não permitir o pensamento filosófico cristão, nem o questionamento dos conceitos de dominação existentes em uma época de doutrinação autoritária por meio da Igreja Católica. As grandes correntes de pensamento filosófico deixaram seu legado e contribuíram para a evolução do saber: o racionalismo de Descartes na ênfase do conhecimento da razão pura; o empirismo com o método indutivo, tendo Francis Bacon como grande expoente; Kant transitando da era moderna para a contemporânea e Rousseau com seu sistema filosófico, um dos sistemas que mais influenciaram o pensamento pedagógico.

Dentre as várias esferas em que se situa o conhecimento e outros campos, como o saber da vida, temos os campos científico, narrativo, teológico, filosófico e religioso. Neste artigo os estudos estão nas vertentes filosóficas, religiosas e científicas, demonstrando como se constituíram, o decorrer da construção do conhecimento na interação com a educação.

2 Imergindo na história da Filosofia

É muito comum ouvir no dia a dia a palavra Filosofia e com isso surgem muitos significados para a palavra. Segundo Vasconcelos (2017), certo dia alguém chamou Pitágoras de sábio e ele respondeu que não era sábio, mas amigo da sabedoria e, desse relato, os termos gregos *filos* (amigo) e *sofia* (sabedoria) deram origem ao termo Filosofia, que se ocupa do estudo dos mais variados campos. Aristóteles (384/322 a.C.) relata que a Filosofia nasceu da

surpresa que o ser humano demonstrava em relação às coisas do mundo, e Tomás de Aquino se refere a plenitude de toda perfeição do ser. Em tudo em que colocarmos o pensamento, surgirá a possibilidade de se tornar um objeto de investigação e questionamento.

A Filosofia da Educação trabalha as práticas pedagógicas, suas teorias, o aprendizado, e o pensamento sobre a necessidade da educação, fazendo com que o indivíduo tenha nova consciência. Observa-se, também, a realidade circundante, para conhecer os articuladores importantes desse saber e entender o legado do Oriente presente no Ocidente, fora os desafios presentes nesse campo.

Pensadores como Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, René Descartes e Immanuel Kant, que viveram em épocas e culturas diferentes, são lidos e estudados até a atualidade, pois suas reflexões mais significativas dizem respeito a condições existenciais universais. (Vasconcelos, 2017, p. 24).

Na antiguidade, relatam Lopes e Moser (2016), Heráclito de Éfeso (cerca de 540-470 a.C.) foi denominado filósofo do “tudo flui”, pois ele acreditava no fogo como origem de tudo e assim surgiu a teoria do intelecto único, em que a razão divina rege tudo, e, pelo respirar, a razão entra no ser tornando a todos inteligentes.

Os variados movimentos culturais ocorridos na história, provocaram muitas mudanças na formação do pensamento filosófico e cultural, esse fator é verificado ao analisar a história, a relação entre dominadores e dominados e, também, os legados transmitidos e absorvidos pela civilização. Uma cultura floresce ao longo do tempo, relata Trigo (2013), em contato com outras culturas e essa mescla marca uma civilização e deixa um legado. É o caso da Grécia antiga que estampa a cultura romana, se mistura ao judaísmo e ao cristianismo, ao pensamento monoteísta e à organização romana que influenciará o Ocidente.

Já na Idade Média, ocorre o fortalecimento da Europa com grandes acontecimentos conhecidos como as grandes navegações, o colonialismo, o renascimento, a industrialização e ainda hoje observa-se a cultura grega inserida no contexto. Ao mencionar uma civilização como ocidental, é preciso esclarecer as questões que a levaram a esse formato e como os pensadores influenciaram as correntes de pensamento:

Quando chamamos nossa civilização de ocidental, referimo-nos a um mundo que pode ser também denominado judaico-cristão, aristotélico-tomista (em referência aos filósofos Aristóteles – 384-322 a.C. – e Santo Tomás de Aquino – 1225 – 1274), greco-romano e outras denominações que remetem à racionalidade fundamentada na antiga filosofia grega (Trigo, 2013, p. 17).

Em se tratando de conhecimento e saber, é necessário entender a etimologia das palavras que refletem o entendimento e a denominação necessárias. Lopes e Moser (2016), relatam em sua obra que *gnosein* em grego significa “conhecer”, *logos* significa “discurso”, “inteligibilidade”, “ciência” e “estudo”, assim a Gnosiologia se define como “estudo do conhecimento”. A epistemologia significa “saber comprovado” e, assim, sua definição está ligada ao “estudo do conhecimento” ou “estudo das ciências”.

O agnosticismo e o ceticismo, são correntes de pensamento que tratam o conhecimento em outra vertente, respectivamente negando que exista hipótese de conhecer algo e veem a dúvida como pensamento. Claro que existe o ceticismo radical e, também, a dúvida metódica, bem esclarecida por Descartes no *cogito, ergo sum* (penso, logo existo). O pensamento de Descartes alcança essa conclusão porque duvidava da verdade de todas as coisas. Em Kant, o criticismo se define em certas condições e limites, demonstrando a possibilidade.

Por meio da tradição dos filósofos, são esses os três métodos existentes para o conhecimento: o racionalismo, afirmando a razão sobre a experiência e representado por Descartes; o empirismo, com a experiência acima da razão, com John Locke e David Hume os representando bem; o apriorismo, de Kant, com elementos de conhecimento *a priori*, sem experiência, mas também *a posteriori*, com a experiência de fonte de conhecimento. Essa última posição é intermediária e se aproxima do criticismo.

Em um breve panorama educativo, pelo conhecimento em outras terras, existem várias concepções que visualizam como a jornada educativa se originou. Quando se fala em conhecimento, logo se remete ao pensamento grego, porém, é necessária uma breve visualização de outras situações que sucederam a outras raízes. O relato do autor Trigo (2013), em sua obra, destaca as muitas possibilidades no amplo espectro da filosofia e educação. Exemplificando, o verbete Filosofia da Educação da Universidade de Stanford (2009) demonstra uma visão anglo-saxônica focada em resultados; já o Reino Unido, Austrália, Canadá e Nova Zelândia tem influência norte americana; na França, Alemanha, Espanha e Portugal se encontra um humanismo clássico e no Brasil muitas ideologias e metodologias diferentes estão incutidas.

Em outros âmbitos geográficos, a Índia tem as influências ortodoxas do saber dos Vedas; a China o pensamento de Confúcio e do Taoísmo baseado no Tao Te King de Lao Tsé; o Japão a influência do Budismo de Sidarta Gautama e do Jainismo fundado por Mahavira; outros países asiáticos, cada qual com suas características de educação; e o mundo islâmico com o Corão do profeta Maomé, que teve sua importância cultural na intelectualidade do ocidente Cristão na idade Média. Vale destacar:

[...] a educação islâmica atual, apesar de diferenciar pelos diversos países da África, da Ásia e do Oriente Médio, nos quais é predominante, possui uma forte base religiosa e filosófica, científica e artística, marcada por séculos de estudos sistemáticos e, ao longo da história, marcados por diversos níveis de contatos com o Extremo Oriente e com o Ocidente (Trigo, 2013, p. 20).

Como os gregos pensavam na antiguidade, o fator observado na tratativa da Filosofia é que ela nasce na Grécia e Vasconcelos (2017) relata que a filosofia como reflexão filosófica tem início com os gregos e as tratativas vocacionadas à natureza e aos fenômenos físicos. Quanto à parte clássica, inicia em Atenas, centro cultural da época, os filósofos se preocupavam com questões éticas e políticas da vida humana, com interferências na vida pública, tinham no mínimo um parco conhecimento de leis e costumes vigentes e discutiam o certo e o errado, o bem e o mal etc. A verdade era algo que divergia e as concordâncias a respeito não pontuavam, os sofistas simplesmente relatavam que a verdade inexistia e os homens chegariam apenas até o alcance do seu saber e, assim, seria um conceito do ponto de vista peculiar de cada cidadão.

Sócrates passou por esses caminhos e relatou que a razão é o ponto de encontro da verdade. Posteriormente Platão e Aristóteles solucionaram a verdade em âmbito diferente. Platão relatou que as coisas são vistas pelos sentidos: o que se ouve, cheira, toca, e, assim, construiu sua ideia de “mundo das ideias”. Esse conhecimento é apresentado por Carvalho (2012) como algo de difícil definição e que sempre inicia com alguém, essa relação promove a troca do conhecimento, como se fosse uma crença. Para muitos existe um conceito de conhecimento inserido na mente, mas explicar esse conceito é uma tarefa árdua.

Consola-nos o fato de que desde Platão e Aristóteles, passando por Descartes e Locke, até os filósofos mais atuais, o conhecimento tem motivado um número extraordinariamente grande de discussões e gerado uma imensurável diversidade de material intelectual que, apesar de seu inquestionável valor, não parece próximo de uma conclusão (Carvalho, 2012, p. 18).

Merece destaque o problema do conhecimento relatado por Lopes e Moser (2016), quanto ao filósofo Platão: esse elucidou o problema do conhecimento destinando, que seria uma recordação do que se sabia ao nascer; a teoria da anamnese ou reminiscência inserida no diálogo Mênon, o escravo e Sócrates, e em Fédon existe uma citação que afirma esse fato. No tocante à resposta a Protágoras, em Teeteto, outro diálogo platônico, Sócrates relata a percepção como outra proposta de conhecimento: conhecer algo é o contato por meio dos sentidos das pessoas. O que é verdadeiro, é conhecido. Quanto à ideia do estagirita, para o conhecido filósofo Aristóteles, preceptor de Alexandre Magno, o ato de conhecer inicia-se com os sentidos e,

assim, sensações nascem e transformam-se em percepção, que é uma sensação consciente, portanto um conhecimento sensorial.

O pensamento medieval se evidencia ao observar os estudos filosóficos no decorrer dos tempos, é uma tarefa um tanto expressiva, afinal, são necessários conhecimentos das eras e pensadores. Para o autor Vasconcelos (2017) houve influência significativa do cristianismo contrastando com a filosofia, pois os gregos não consideravam o cristianismo e não permitiam que cristãos tivessem pensamento filosófico. Na idade média, muitos pensadores receberam o martírio por contrariedade de ideias contra o cristianismo e assim, a ética, política e metafísica receberam outras elucidações e salienta-se que os medievais religiosos não pensavam e explicitavam publicamente tudo que queriam.

Pertence a essa época uma nova forma de pensar a relação entre razão humana (estabelecida na antiguidade e que distingue homens dos animais) e o conhecimento da verdade cristã, baseado em Deus. Assim a filosofia cristã instituiu um parâmetro diferente para o pensamento, em que a verdade é recebida com o quesito da fé, que nem sempre coincide com a razão, e se vem de Deus e não coincide é devido a um raciocínio incorreto ou à fé mal traduzida.

3 O saber na era moderna

Como conceber o pensamento Filosófico na era moderna é um pensamento determinante para muitas pessoas. Conforme o autor Trigo (2013), o filósofo do século XX Martin Heidegger (1889-1976) relatou que a filosofia é grega em essência, pois o material original não teve produção desde a antiguidade grega e os demais povos constataram pensamentos não conhecidos dos gregos, assim, muitos problemas filosóficos presentes no tempo atual, remetem à Grécia antiga.

[...] foi estruturado pelo francês Jean-François Lyotard e colocou em pauta a questão da produção do saber nas sociedades com novos recursos tecnológicos baseados na informática, na digitalização dos dados e na produção, armazenamento e transmissão eletrônica de informações e conhecimento (Trigo, 2013, p. 196).

Na evolução da história, o saber criado recebeu muitos relatos, como menciona Trigo (2013), e surgiu a necessidade de alocação desse conhecimento. Essa mesma história relata que diante de tantos sistemas filosóficos — elaborados por Platão, Aristóteles, Aquino, Kant, Hegel, Comte e Marx, baseados em seu mundo de vivência e seus sistemas postos a prova — deu-se visibilidade às brechas existentes em suas teorias. Em muitos pontos da ciência atual discussões

metafísicas não se fazem necessárias ao saber, se tem justiça ou se é magnífico, se a descoberta é ou não importante. Claro que muitos autores acreditam que a modernidade está superada e outros acreditam que ainda não, porém, algo é pertinente: todos são unânimes sobre as alterações nas relações de produção, relacionamento entre as mais variadas classes, pessoas ou instituições. Assim, o século XXI deixa visível o diálogo e a inexistência de dogmas, com o conhecimento aberto, pautado na boa ética, na sustentabilidade, e sem programas formulados que excluam a liberdade de cada um.

Na jornada pelo conhecimento sempre se observa o surgimento de novas culturas que exercem fascínio sobre outros povos, perenizando seus valores. Para Vasconcelos (2017), a igreja, nessa etapa, já não tinha todo poderio exercido na era medieval ocidental e os filósofos acentuam novamente a razão como via segura para o conhecimento. Vasconcelos (2017) afirma:

Antes de afirmar algo como verdadeiro, era necessário explicar como e por que a razão poderia alcançar a verdade. Duas grandes correntes de pensamento procuram dar respostas a esses questionamentos: o racionalismo e o empirismo (Vasconcelos, 2017, p. 35).

Ainda segundo Vasconcelos (2017), o racionalismo tem em René Descartes (1596-1650) o maior expoente, o conhecimento é originado da pura razão, privilegiando o método dedutivo. Quanto ao empirismo utiliza-se o método indutivo e o nome de Francis Bacon (1561-1626) é um destaque. Já Immanuel Kant (1724-1804) situa-se na transição da era moderna para a contemporânea e discordou de Descartes e Bacon, enfatizando que o conhecimento é ação combinada de sujeito mais objeto.

Da crítica aos idealistas, como Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), por seus sistemas abstratos, desvinculados e indiferentes às vicissitudes da existência mundana, surgiu o materialismo, corrente filosófica a que aderiram autores como Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) e Karl Marx (1818-1883) (Vasconcelos, 2017, p. 39-40).

Como o conhecimento é algo que vem por meio dos pensadores e observadores, Vasconcelos (2017) traz o naturalismo e a ideia de que a natureza é boa, é onde o homem se aprimora ao retornar ao estado natural das coisas e se afastar da civilidade. O destaque dessa corrente é o pensador Jean Jacques Rousseau (1712-1778), muito conhecido pela frase “o homem é bom por natureza, mas a sociedade o corrompe”. Conforme Vasconcelos, “Ao estudar a filosofia de Rousseau, você entrará em contato com um dos sistemas filosóficos que mais exerceram influência na história do pensamento pedagógico” (2017, p. 54). Émile Durkheim

(1858-1917), segundo Vasconcelos (2017), fundou a escola francesa de sociologia e, também, inicia o pensamento moderno, não como filósofo, mas como sociólogo, apesar de representar o funcionalismo (desdobramento da corrente positivista), em que, segundo ele, fatos sociais merecem estudo como coisas.

Vem do século XIX o Positivismo, motivado por dois acontecimentos: o Iluminismo e a Revolução Industrial. Vasconcelos (2017) aponta que a razão e o progresso da humanidade preservaram ideias iluministas que tratam do progresso da humanidade e da Revolução Industrial com a chegada de novas tecnologias e formatos de organização no trabalho para melhor produtividade.

Em relação à coordenação dos saberes existentes, diante de tantos fatos existentes e que contribuíram para formar a cultura e suas formas de pensamento, é necessário o entendimento de como tudo se equalizou para permear as formas do saber existente na civilização. Para Bervian, Cervo e Silva (2007), existe um instrumento entre o homem e seus atos, inclusive nos aspectos da ciência, tudo constituído de teorias e conceitos dessas atividades, em que o pesquisador trafega nas áreas do conhecimento empírico, científico, filosófico e teológico.

Na área do conhecimento, os autores trabalham de formas distintas e Trigo (2013) destaca a questão da cadeia de conhecimento, que ao longo do período se alicerçou em sistemas filosóficos:

O saber científico não é todo o saber existente. Há também o saber que Lyotard (1986) denomina de saber narrativo, concernente às artes, à intuição, aos sentidos, à religião e aos aspectos mais subjetivos do ser humano. Ambos os saberes – científicos e narrativos – são necessários, pois são formados por enunciados capazes de construir teias de conhecimento com as quais as pessoas tentam aprender e compreender o mundo. Ao longo da história, essa produção do saber se estruturou em sistemas filosóficos, religiosos ou científicos que se propuseram a dar conta teoricamente de toda problemática humana e universal (Trigo, 2013, p. 198).

Correa (2010) relata em seus escritos outros tipos de saberes e conhecimentos, tais como: saber da vida, conhecimento mítico, conhecimento técnico, as artes e os conhecimentos teológico ou religioso, filosófico e científico. O ser humano elabora informações das mais variadas e os conhecimentos complementam a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. O autor conclui que “pensar, sentir, problematizar e agir são ações importantíssimas no processo de produzir informações, conhecimentos e saberes” (Correa, 2010, p. 2).

Bervian, Cervo e Silva (2007) informam, em sua obra, que a revolução científica acontece no século XVI e XVII, com o surgimento de técnicas e conhecimentos dos mais variados e um tempo decorrido desde babilônios, egípcios e gregos. Tudo isso contribuiu para

preparar o método científico que marcou a ciência do século XVI, em caráter inicial na época, mas atualmente de forma rigorosa.

Neste artigo, o enfoque está nas principais estruturas denominadas religiosas, filosóficas e científicas, mencionadas por Jean-François Lyotard (1924-1998) e relatadas nos próximos capítulos, assim como na maneira com que se compôs esse saber no decorrer do período. Para Nascimento (2011), Lyotard (1979) confirma as questões sobre o conhecimento, relatando também a psicanálise de Freud, e rejeitando, ainda, as ideias do pensamento Marxista, pela influência da psicanálise freudiana.

Em relação à sociedade e ao conhecimento, Lyotard (1979) destaca muitos saberes presentes nas sociedades, com fatores que avaliam suas utilidades, cada qual caracterizado e inserido na cultura, sendo o saber narrativo e científico. O saber científico não representa o todo do conhecimento e sempre existiu inserido nas narrativas. Assim, a sociedade transmite o conhecimento baseada em jogos de linguagem, com indivíduos atuantes nas jogadas, emitindo suas premissas e interferindo nas demais jogadas de outros membros.

Quando o assunto é o conhecimento, Vieira (2016) explica que informação, notícia e ciência, se apresentam ao indivíduo como algo demasiadamente necessário, porém, isso dependerá: do grau de necessidade do indivíduo; de onde se aplicará essa fonte; do grau de utilização desse conhecimento; do aprimoramento necessário, com o conhecimento prévio que o estudante já adquiriu e fortalecendo essa bagagem para sua utilização em seus estudos; entre outros fatores em várias fases da vida do sujeito, assim, resultando em conhecimento solidificado para aplicação no decorrer da trajetória.

No presente momento, há muita informação disponibilizada a todos. Conhecimentos são gerados por diversas instituições de ensino em várias áreas do conhecimento, fazendo com que o sujeito, ao adquirir a informação, a busque com os autores que trabalham na produção dele.

4 O saber filosófico

Trigo (2013), destaca que a filosofia da educação traz como seu principal foco a livre reflexão e entende o aspecto educacional como constante evolução nos mais variados aspectos sociais e tecnológicos, isso ocorre com uma maior abertura para as mudanças. Antes da filosofia existia o mito e a religião, com histórias humanas divulgadas de geração em geração pela oralidade e depois pelos textos sagrados. Os mitos, religiões, a ciência e a filosofia não têm uma explicação para o mundo, sendo que o conhecimento é cumulativo, mas antigamente contavam-se histórias sobre o mundo e os humanos para resolver os enigmas.

Trigo (2013), ainda descreve que alguns regimes de governo limitam a escolha das pessoas, iniciando com a maior liberdade que o humano possui: seu pensamento. No decorrer da história esse pensamento sempre oscilou com a influência do fatalismo, do determinismo (com outras correntes do fatalismo, determinismo rígido e determinismo brando) e do existencialismo. Como exemplo, para o estoico Crisipo todo o acontecido é necessário e depende da vontade divina. Para os deterministas, como Espinosa e Hume, as necessidades *a priori* distinguem como o ser humano é afetado e para os existencialistas, como Sartre, a consciência humana detém sua liberdade e é responsável por sua escolha.

Em sua obra o autor Vasconcelos (2017) traz o movimento denominado Iluminismo como quebra do cordão umbilical com a era medieval, surgindo a burguesia que criticava o sistema de então, inclusive o clero que possuía vantagens políticas e econômicas. Destaca-se o pensador François-Marie Arouet (1694-1778), mais conhecido como Voltaire, e vale a pena enfatizar que devido ao seu sistema filosófico baseado na noção da natureza humana, não existia em sua filosofia uma diferenciação entre natureza e civilização. Em relação à educação da época, ele destacou:

É patente, portanto, a crítica de Voltaire ao modelo de educação praticado pela nobreza da época. Em oposição a esse ensino livresco e distanciado das preocupações do dia a dia, o filósofo defende a necessidade de uma aprendizagem que enfatize questões de ordem prática. Isso não é genial? (Vasconcelos, 2017, p. 57).

Merece destaque o relato do autor Vasconcelos (2017), ao enfatizar que o positivismo e o funcionalismo ainda exercem muita influência na educação, valorizar a cientificidade do conhecimento constitui uma lembrança do positivismo presente no segmento escolar. Em boa parte do século XIX prevalecia o humanismo recebido dos tempos do Renascimento, que na Revolução Industrial ficou ultrapassado.

Na parte política, correntes como socialismo, comunismo e outras tendências políticas possuem em seu contexto muita filosofia e sabem aonde chegam com sua pedagogia. No século XIX destaque para o filósofo idealista Friedrich Hegel (1770-1831), com sua análise intitulada “dialética”, em que o pensamento surge das ideias que se contradizem. Em relação a isso, temos a filosofia de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), ambos concordam com Hegel, mas discordam na adoção de uma filosofia idealista, pois a matéria é o centro e o pensamento vem em consequência dela, surgindo assim o materialismo dialético.

Nesse tempo surge a Revolução Industrial, com transformações sociais, econômicas e tecnológicas, trazendo benefícios, mas, também, a desigualdade social com baixos salários e longas jornadas de trabalho, insalubridade e trabalho infantil. Tanto Marx quanto Engels são

autores de difícil classificação, são filósofos, historiadores, economistas, pensadores sociais e contribuíram com a filosofia da educação. Para eles a história sempre teve as marcas da luta de classes: na antiguidade patrícios e escravos; na idade média os senhores e servos; na modernidade os capitalistas e assalariados; e isso se reflete na forma de pensamento dialética, em que pensamento e realidade se movem com a tese, antítese e síntese. A classe dominante traz as ideologias para justificar o poder, levando a classe trabalhadora à alienação.

Os autores Lopes e Moser (2016) explicam que Auguste Comte (1798-1857) propagou o positivismo diante da Revolução Industrial que surgia e, na segunda metade do século XIX, essa corrente se transforma em uma grande corrente filosófica presente nos países ocidentais.

5 O saber religioso

Conhecer as origens desse saber torna mais claro o conhecimento inserido nas culturas e, também, as influências que surgiram e se mantiveram no decorrer do tempo. No relato do autor Trigo (2013), enfatiza-se a existência de centros de cultura no antigo oriente sendo os principais:

- o Egito, com muitos mitos contextualizados na questão da vida após a morte. Repletos de deuses e deusas no formato de henoteísmo (cultua-se um só Deus, não excluindo existirem outros) e monoteísmo (um único Deus);
- a Mesopotâmia, entre os rios Tigre e o Eufrates. Local das civilizações antigas, tais como os sumérios, assírios e babilônicos, e dos textos das epopeias da criação do mundo, o dilúvio sumeriano e sua descrição anterior ao Antigo Testamento Bíblico;
- o Irã, do filósofo Zaratustra, poeta e profeta que cerca de 560 a.C. iniciou o monoteísmo dualista entre bem e mal;
- chegando ao médio oriente com as religiões monoteístas, judaísmo, cristianismo e islamismo — respectivamente com suas escritas Antigo Testamento, Antigo e Novo Testamento e o Corão, ou Alcorão.

Conhecimentos à parte, é importante destacar que houve a passagem do mito para a religião, em especial ao monoteísmo judaico, cristão e islâmico. Já as religiões politeístas, agrícolas primitivas, hinduísmo, manifestações xamânicas dos indígenas, xintoísmo e outras, tiveram seu início e se desenvolveram em seus próprios territórios. Como destaca Mircea Eliade (1907 – 1986), cada religião opõe o sagrado e a vida religiosa, ao profano e à vida secular. Vale ainda destacar que a filosofia não relata inexistir a religião e não a fundamenta,

ou a defende, afinal, são saberes distintos tal como a ciência. O problema está no sentido de que as pessoas creiam que somente sua fé é infalível.

Segundo o relato de Vasconcelos (2017), é natural imaginar que para Platão corpo e alma se parecem com um saber que fundamenta uma religião e de forma restrita isso não é incorreto, afinal Platão recebeu muita influência das Religiões da Índia. Porém, a união de corpo e alma para ele acontecia de forma que o corpo era uma prisão para a alma e, assim, só se elevará à uma boa compreensão ao atingir certo grau de desenvolvimento de seu intelecto. Aí, sim, a alma (razão) domina as ações humanas. Já Aristóteles também concebe alma e corpo, mas não concorda com o mundo das ideias, sendo que a realidade é vista com os sentidos e as ideias pertencem a mente humana, sem mundo separado e superior.

Diante dos muitos estudos realizados no aspecto religioso, merece destaque o pensamento da filosofia em conjunto com a religião. Em suas pesquisas, o autor Faria (2017) enfatiza que ao pensar em filosofia lembramos do raciocínio dos Gregos ao explicar os variados fenômenos naturais: o empírico respondia à maioria dos questionamentos, associado também aos mitos ou aos deuses. No decorrer do período houve reformulação e fundamentação, chegando à ciência filosófica e à filosofia da religião, que estuda as origens e a natureza do fenômeno religioso, juntamente a suas influências nas sociedades. O fenômeno religioso é visível, ou manifesto, de forma misteriosa e incomum, e está presente em todas as culturas desde sempre, com rituais, celebrações, doutrinas etc.

Quando as pessoas pensam em religião, nada mais natural do que perguntar sobre a concepção de Deus inserida nessa ou naquela religião. O autor Faria (2017) descreveu que para Aristóteles, em relação à religião grega, existe um primeiro motor que tudo move sem ser movido, sendo o causador do começo do movimento do sistema estelar. Em Platão existe o demiurgo. Para Sócrates, assuntos relacionados à religião eram mais pertinentes, iniciando pelas questões de julgamento e morte, sendo esse o principal motivo para o acusarem de corromper os jovens e de não crer nos deuses da cidade.’

Algumas ideias, termos e correntes de pensamento surgem no decorrer do período, de acordo com as novas eras e a influência dos pensadores. Faria (2017) explica que o termo religião foi cunhado na Idade Média e teve muitas fases. O Helenismo, período de Alexandre Magno (império macedônico) até a dominação romana, expandiu a influência grega do Egito até a Índia e, apesar de receber o cunho de pagã, sempre foi a religião do sagrado do nascimento à tumba. Nesse contexto, três vertentes preocupadas com a felicidade surgem: o estoicismo, constituído em Atenas por Zenão de Cítio, o epicurismo fundado pelo pensador Epicuro e o ceticismo alicerçado por Pirro de Élis.

Cada conhecimento vem de uma corrente e possuem pensadores que com o seu intelecto, constituíram uma forma de pensar que ficou como legado para os estudos posteriores. O autor Faria (2017) menciona as correntes despertadas no medievo e seus impactos: a patrística de Santo Agostinho e a escolástica de Tomás de Aquino. Seus efeitos prevaleceram na religiosidade e fé cristã, não permitindo a manifestação de outras correntes, com essa época sendo conhecida como Idade das Trevas. Suas principais características eram: a ortodoxia da doutrina; santidade de vida; aprovação eclesiástica e antiguidade. Outros nomes muito lembrados são: Duns Escoto (1266-1308), Guilherme de Ockham (1285-1349), Mestre Eckhart (1260-1327), John Wyclif (1328-1384), Jan Hus (1369-1415) e outros mais. O Trívio e Quadrívio, ou *Trivium* e *Quadrivium*, que formam as sete artes liberais, originam-se desta época.

Em se tratando de educação para a coletividade, relata o autor Antonio (2014), que para a Filosofia de Descartes, o pensar é básico do ser humano e as ideias constituem o cerne para a evolução do intelecto pessoal. A ênfase na razão como fonte do saber apresenta uma reflexão filosófica, em que o indivíduo funda suas bases e constrói o conhecimento, sendo que Descartes não admitia como verdade a suscitação de dúvida, necessitando assim de uma certeza inquestionável, o que resultou no conhecido “penso, logo existo”.

Em cada geração existem pessoas das mais variadas possíveis, com diferentes características culturais e religiosas. Assim, como entender a religião diante da modernidade? O autor Faria (2017) menciona que, no século XXI, a diversidade das pessoas é diferente da época dos nossos pais e avós, e o conhecimento dos tempos passados está disponível a todos por meio de mídias variadas. Apenas um detalhe continua firme: a dúvida presente em nosso íntimo intelecto.

Um detalhe presente em Santo Agostinho (354-430 d.C.), na obra “Confissões”, é o destaque para o número de pessoas que têm uma espiritualidade aflorada, mas sem aderir a uma fé religiosa, cumprir regras ou ajustar sua vida pessoal. É claro que, diante de uma população, ainda se enxerga o socorro religioso para eliminar os medos que temos e solucionar os desafios que surgem. Quem inicia a utilização do termo Filosofia da Religião é Hegel, no século XIX, se referindo ao estudo de como Deus é entendido em algumas religiões no ponto de vista filosófico (transcendência), e a necessidade não confundir esses estudos com teologia, apologética ou fenomenologia da religião.

O conhecimento, para os autores Barbosa, Quintaneiro e Rivero (2012), é destacado em formatos possíveis de armazenar, nas formas escrita, falada, gravada ou filmada, acumulando os referidos conhecimentos para que outras pessoas se beneficiem do que já foi produzido.

Assim o conhecimento se perpetua de geração em geração e fortalece a espécie humana. Essa ciência de dados possui regras firmadas universalmente, facilitando a interpretação da vida em comunidade em diferentes povos e em todas as localidades do planeta, aliadas nas mais variadas esferas do saber de forma coletiva, ou seja: interpretar, guardar informações e repassá-las, pelo ensino para pessoas com menor escolaridade.

O conhecimento científico se desenvolve em todas as áreas: humanas, exatas e naturais. Algumas de suas formas exibem uma duração bem mais longa do que outras, e ele tende a ser cumulativo, questionando e rejeitando descobertas anteriores em função de novos achados (Barbosa, Quintaneiro, Rivero, 2012, p. 19).

Antonio (2014) descreve que na fase moderna o pensamento filosófico acompanha toda a evolução científica, descobrindo os fatos por meio da experimentação. Assim, a teoria de Immanuel Kant apresenta a pessoa que conhece algo e esse algo é conhecido, ou seja, pela teoria Kantiana a ação humana torna o conhecimento acessível e a experiência se encarrega de atualizar esse conhecimento.

6 O saber científico

Os grandes movimentos da humanidade e os ideais dos pensadores, possibilitaram sempre a liberdade de expressão. O autor Vasconcelos (2017) explica:

O ser humano se tornava “senhor da natureza”, adaptando o mundo ao seu redor de acordo com suas necessidades. Nesse contexto, a ciência desempenhava um papel fundamental, pois foram os avanços científicos que tornavam possíveis o desenvolvimento da indústria e o conseqüente domínio da natureza (Vasconcelos, 2017, p. 77).

Os nobres pensadores deixam sua marca e legado em seu tempo. Para Vasconcelos (2017), Auguste Comte (1798-1857) marca o positivismo e deixa evidente a necessidade de uma ciência da sociedade, nascendo, assim, a Sociologia. Para Comte a sociedade evolui com base em três situações: estado teológico, com pessoas necessitando de explicações aos mistérios da natureza, como exemplo a chuva e a ação dos deuses; estado metafísico, que tem seu alicerce na natureza das coisas e sua importância, dando explicações míticas; até a chegada ao estado positivo, ou científico, em que apenas as explicações de cunho científico importam de fato. No exemplo da chuva, considera-se a explicação da condensação do vapor de água na atmosfera e, no geral, é necessário explicar os acontecidos em termos pertinentes.

As correntes de pensamento inauguradas por seus fundadores sempre conquistam seguidores e Vasconcelos (2017) dá ênfase aos adeptos às ideias de Comte, não somente na

França, mas também na Inglaterra com John Stuart Mill (1806-1873), Jeremy Bentham (1748-1832) e Herbert Spencer (1820-1903), com seu otimismo cientificista, na teoria evolucionista da biologia e, também, na seleção natural de Charles Darwin (1809-1882). Em outros países isso também é evidente, inclusive no Brasil com a Escola de Recife — na cidade de Olinda em 1828, com pensadores da envergadura de Tobias Barreto de Meneses (1839-1889) e Sílvio Romero (1851-1914) — e no sul do Brasil com Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927).

Em contexto escolar, Vasconcelos (2017) descreve que a ciência colaborou para a elevação dos alunos no contexto acadêmico, preparando todos para a carreira na área das exatas, da saúde e, também, para a indústria em âmbito geral. Claro que o conhecimento e o surgimento de novos estudos geraram limitações para a abordagem positivista, que, muitas vezes, não consideraram os conhecimentos oriundos das ciências humanas por serem anticientíficas. Esse é o caso da educação tecnicista, com inspiração positivista, que teve efeitos maléficos na educação brasileira, como relata Sérgio Paulo Rouanet: muita coisa foi retirada do currículo escolar, tal como o Português, que mudou para gramática e expressão, e o país não era mais bacharel, mas somente uma terra de zumbis, onde se faz vestibular de múltipla escolha e existem pessoas iletradas aos montes.

O autor Nascimento (2011) descreve fatos presentes em Lyotard, em que se apresenta o saber científico com outro viés, apresentando o exemplo de Copérnico com a trajetória circular dos planetas. As tensões geradas apresentam um enunciado científico, acredita-se que tal afirmação é a veracidade e que as provas se apresentam como irrefutáveis. É uma relação entre emissor e destinatário, gerada por meio da função didática e formando pares: o ensino propriamente dito.

Destacando os aspectos presentes no ser humano, Lopes e Moser (2016) analisam que para Comte o conhecimento científico baseia-se em fatos e relações de raciocínio, em que o espírito positivo observa e depois prevê para se transformar em uma lei natural. É necessário descobrir os métodos com os quais os humanos chegam ao conhecimento e, também, sua fundamentação correta em fatos evidentes e não aparentes, que podem torcer a realidade da análise. Assim, esse conhecimento não admite especulação, sendo certo e preciso.

Antonio (2014) relata a defesa de Comte do objetivo principal da ciência ao formar leis baseadas na observação dos acontecimentos ao nosso redor. As leis são importantes e possibilitam a previsão desses fenômenos, orientando assim a ação humana.

7 Considerações finais

O século XXI se apresenta como uma era em que o conhecimento se multiplica de forma vertiginosa em todas as esferas. Com a internet, esse conhecimento é transmitido aceleradamente em todas as áreas, a Educação a Distância rompeu fronteiras há muito tempo e se tornou um agente difusor e multiplicador do conhecimento produzido em todas as áreas do saber existente. A Educação presencial também é determinante para essa construção. A importância do conhecimento e de como distribuir o conhecimento são aspectos muito relevantes. Muitas vezes, observa-se que um conhecimento está difundido entre as pessoas em muitos âmbitos.

A Filosofia sempre teve essa preocupação: o questionamento, a indagação e a busca do desconhecido por meio da observação. Traduzir a palavra conhecimento traz muitas informações e muitos tentam uma formulação exata para o conceito, mas merece destaque um fator: no meio acadêmico, a busca pelo conhecimento acontece com a pesquisa nas mais variadas cadeiras do saber, com autores que marcaram época com seu pensamento, estudo, escrita e troca de informações. Assim acontece o conhecimento. Essa pesquisa, para a obtenção do conhecimento, nasce com o surgimento de uma dúvida, um objeto a ser pesquisado, que definirá, sem aplicação de dogmas, um novo segmento definido pelo senso crítico do pesquisador que se encarrega de solucionar e entender seu objeto de pesquisa.

Neste artigo, foram demonstrados alguns métodos, com atenção especial aos métodos filosófico, religioso e científico, fazendo o exercício de explicar brevemente a influência desses métodos na evolução dos tempos.

Referências

ANTONIO, J. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Academia Pearson, 2014.

BARBOSA, M. L. de O.; QUINTANEIRO, T.; RIVERO, P. **Conhecimento e imaginação: Sociologia para o ensino médio**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Academia Pearson, 2007.

CARVALHO, F. C. A. **Gestão do conhecimento**. São Paulo: Academia Pearson, 2012.

CORREA, W. Os diversos tipos de conhecimentos. **Dia a Dia Educação**, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/diversos_tipos_conhecimento.pdf. Acesso em: 30 out. 2023.

FARIA, A. A. **Filosofia da Religião**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

LOPES, L. F.; MOSER, A. **Para compreender a teoria do conhecimento**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2016.

LYOTARD, J. **La condition postmoderne: rapport sur le savoir**. Paris: Minuit, 1979.

NASCIMENTO, J. P. C. A condição pós-moderna, de Jean-François Lyotard. *In*:
NASCIMENTO, J. P. C. **Abordagens do pós-moderno em música: a incredulidade nas metanarrativas e o saber musical contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
Disponível em: <http://books.scielo.org/id/gf5mh/pdf/nascimento-9788579830983-02.pdf>.
Acesso em: 30 out. 2023.

TRIGO, L. G. G. **Pensamento filosófico um enfoque educacional**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2013.

VASCONCELOS, J. A. **Fundamentos filosóficos da educação**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

VIEIRA, R. **Gestão do conhecimento: introdução e áreas afins**. Rio de Janeiro: Interciência, 2016.